



cies _iscte
Centro de Investigação
e Estudos de Sociologia

de viva voz

ecos biográficos da sociedade portuguesa

**Ana Caetano
Anabela Pereira
Sónia Bernardo Correia
Magda Nico**

**Lisboa
Tinta-da-china
MMXXIII**

ÍNDICE

Apoio

cies _iscte
Centro de Investigação
e Estudos de Sociologia

© 2023, Ana Caetano, Anabela Pereira,
Sónia Bernardo Correia, Magda Nico
e Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152, E. 10
1750-149 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *De Viva Voz: Ecos biográficos da sociedade portuguesa*
Autoras: Ana Caetano, Anabela Pereira,
Sónia Bernardo Correia e Magda Nico
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china (P. Serpa)
Capa: Tinta-da-china sobre grafismo
do projecto «Ecos biográficos»

1.ª edição: Janeiro de 2023

ISBN: 978-989-671-728-5
Depósito Legal n.º 508987/22

<i>Introdução</i>	9
Presente cor de cereja	17
Sentido de missão	26
Vontade de mundo	37
A vida que brilha ao som da família	44
Com as rédeas e o coração nas mãos	56
A vida com espaço para mais carimbos e etiquetas	69
Passos de dança pelos corredores do palácio	82
O caminho é em frente	92
As cores do optimismo	102
Com pés de Lisboa e o pensamento nas nuvens	113
A vida em dois actos	126
Da margem do rio Alva, olhos postos no mundo	141
O pão de amanhã	152
As ruas do bairro são abraços	160
Ressonâncias de uma voz grave	175
Mais um mergulho no horizonte	186
<i>A criatividade biográfica e os limites do tempo</i>	195
<i>Bibliografia</i>	223

Este livro é dedicado a
Margarida e Francisco, Cecília, António, Manuel,
Maria Emília, Maria Filomena e Fernando,
Augusta e São, Maria do Rosário, Abílio e Maria José,
cujas vidas revemos também nestas páginas.

INTRODUÇÃO

Este é um livro sobre a vida. Sobre 16 histórias de vida permeadas de cor, de textura e de som, de certezas e arrependimentos, de acontecimentos e do que ficou por acontecer. Testemunhos realistas, trabalhados sociologicamente, de pessoas comuns, que em toda a sua complexidade constroem a vida enfrentando constrangimentos e activando possibilidades a partir dos seus contextos e das suas próprias grelhas de interpretação do mundo, dos outros e de si mesmas. Mas as histórias contadas não são apenas de quem as vive. São suas e das suas circunstâncias. Estas circunstâncias não estão simplesmente implícitas, imiscuídas ou omnipresentes nas decisões, nos acontecimentos e nos sentimentos relatados e ancorados no tempo. Elas são parte viva das histórias vividas e contadas. De certa forma, contar uma história é um exercício sociológico: faz-se a partir da perspectiva pessoal, usando o enquadramento próximo, nacional e global; mobilizando o passado individual, as origens, as heranças simbólicas e de valores; e recorrendo igualmente aos contemporâneos, aos outros significativos, aos pares.

Assim sendo, por aquilo que estas biografias ecoam do país recente e dos contextos em que foram vividas, este é também um livro sobre a História. O livro constrói-se assente nesta dualidade, que não é um dualismo: a da ligação entre biografia e sociedade. Esta relação, basilar na sociologia, pode ser abordada de diferentes formas. Seguimos aqui a via da observação do particular para

conhecermos o todo, ou pelo menos partes dele. Encontramos a sociedade em cada uma destas 16 biografias, em combinações únicas de contextos, recursos, oportunidades, relações e subjetividades. Olhamos para o indivíduo enquanto observatório vivo da sociedade, procurando enaltecer, sociologicamente, cada pessoa pela historicidade que transporta ao longo do tempo (Abbott, 2005). Poder-se-á eventualmente argumentar que tanto a historicidade individual como a reflexividade dos entrevistados são tanto mais densas, intensas e provavelmente esclarecedoras da relação entre indivíduo e sociedade, quanto mais longas forem as vidas. Vividas, mas também recordadas e repensadas, bem como contadas sob diferentes pontos de vista e ancoradas em diversos momentos do tempo individual e social. Isso é, pelo menos, o que nos levam a pensar as entrevistas biográficas feitas a um conjunto de 16 pessoas, com alguma diversidade do ponto de vista do sexo, da escolaridade, da actividade profissional e das origens sociais. Pessoas que têm sobre os ombros, e não atrás das costas, cerca de 70 anos de história e de mudança social.

As biografias aqui apresentadas e analisadas enquadram-se no projecto de investigação sociológica «Ecos biográficos: triangulação no estudo dos percursos de vida», financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/SOC-SOC/29117/2017), que decorreu entre 2018 e 2022 no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, do Iscte — Instituto Universitário de Lisboa. O objectivo central deste estudo consiste em compreender como é que uma pessoa descreve e que sentidos atribui à sua vida, mas também como é que pessoas próximas percebem esse percurso biográfico, o apresentam e o interpretam. Baseámo-nos na análise de 16 casos biográficos, cada um deles consistindo numa entrevista à pessoa a que chamámos nuclear, com idade entre 65 e 75 anos, cuja vida pretendíamos reconstituir (através da sua narrativa, do calendário de vida e da selecção de fotografias de momen-

tos importantes), e em entrevistas a quatro indivíduos da sua rede de relações (familiares, amigos, colegas e vizinhos), capazes de falar da sua vida.

As histórias apresentadas neste livro foram, contudo, elaboradas exclusivamente a partir dos testemunhos na primeira pessoa. Em cada uma delas encontramos uma descrição da vida vivida. Esse exercício é também intrinsecamente analítico. As narrativas autobiográficas produzidas em contexto de entrevista não se estruturam habitualmente da mesma forma que as histórias construídas a partir delas, tendendo a ser mais segmentadas, nem sempre organizadas cronologicamente, com inúmeros avanços e recuos temporais, em si mesmos muito ricos, pois ilustram relações causais e emocionais entre acontecimentos e pessoas. É uma narração e reflexão *in loco*, estimulada por perguntas concretas. Embora se baseie evidentemente em reflexões prévias que os entrevistados já fizeram sobre os seus percursos, são sempre narrativas produzidas contextualmente, com alguma dose de improviso, de reflexividade momentânea e de pequenas descobertas na revisitação do passado. A elaboração das histórias implica encontrar um, e não o, fio condutor das diferentes fases de vida, das experiências, dos acontecimentos e das pessoas marcantes, ao mesmo tempo que se opera um processo de selecção, inerentemente interpretativo, do que se deve destacar e das ligações existentes entre os diversos momentos. As histórias têm, no fundo, uma dupla camada interpretativa: é o nosso olhar sobre a visão que cada pessoa tem de si, da sua vida, do mundo e dos outros.

Cada história, lida individualmente, ilustra a singularidade e a complexidade que caracterizam as vidas vividas. Mas a sua leitura pode ainda ser feita de forma conjunta, o que permite direccionar um olhar distinto para outros aspectos das biografias, nomeadamente para aquilo que têm em comum e para os processos de

padronização social que operam em cada uma delas. Afinal, a decisão por uma estratégia analítica e por uma determinada escala de observação tem impactos directos na leitura e na imagem que retiramos do social (Lahire, 2004). O último capítulo do livro consiste numa análise integrada das 16 histórias de vida, daquilo que elas nos dizem e mostram sobre os contextos sociais e a sociedade em que se enquadram. Esta análise permite perceber que a sociedade é tanto o conjunto de singularidades individuais, como os indivíduos singulares são uma combinação de padrões sociais.

Todo este processo de análise das biografias e elaboração das histórias foi orientado por três princípios básicos: empatia, compromisso e responsabilidade. Em primeiro lugar, empatia pelas pessoas cujas vidas estão retratadas neste livro, no sentido do respeito pelas suas experiências, percepções e emoções, da atribuição de importância ao que pensam e viveram, e do reconhecimento pela sua enorme disponibilidade e generosidade em partilharem connosco a sua intimidade. Fica aqui, por isso, o nosso enorme e reconhecido agradecimento a estas 16 pessoas, bem como aos seus familiares, amigos, colegas e vizinhos que embarcaram neste projecto. Muitas delas conhecemos em 2020, outras em 2021. A realização das entrevistas foi, aliás, interrompida pela pandemia de COVID-19 e só retomada um ano mais tarde. Mantivemos, contudo, contacto continuado durante o período de interrupção, procurando sempre saber como se encontravam e como estavam a vivenciar a pandemia e os períodos de confinamento. Acreditamos numa sociologia de proximidade, baseada também na crença de que a melhor forma de compreendermos o mundo é aproximarmo-nos o mais possível da vida vivida, ouvindo os outros, compreendendo as suas experiências e visões únicas e transmitindo esse conhecimento ao exterior (Plummer, 2021).

Em segundo lugar, honrámos o compromisso que fizemos com todas estas pessoas de respeito pelo seu anonimato e pelos limites

que definiram. Todos os nomes usados são fictícios. Abstivemo-nos também de usar informação que pudesse identificar de forma evidente a identidade de qualquer uma delas, bem como eventos, momentos e relações que nos solicitaram que permanecessem ocultos. Mantivemos sempre, em todo este processo, a preocupação de não reduzir, com as histórias, as pessoas a determinados aspectos das suas biografias. Tentámos captar, ainda que em fragmentos, a complexidade das suas vidas, não sucumbindo assim a qualquer tentativa de as circunscrever a uma faceta, característica, posição ou, como em sociologia podemos dizer, variável. Com base neste compromisso, cada uma das 16 pessoas leu a sua história de vida, teve a oportunidade de fazer pequenas correcções em datas ou acontecimentos narrados e autorizou a sua publicação neste livro.

Por fim, responsabilidade enquanto sociólogas. As biografias não dizem apenas respeito a quem as vive. São intrinsecamente relacionais e espelham dinâmicas e padrões sociais partilhados com outros. Acreditamos que a sua análise e a sua divulgação podem contribuir, mesmo que de forma ínfima, ao evidenciarem as ligações que temos às outras pessoas, para tornar o mundo um sítio melhor, mais empático e tolerante. Encontramos nas páginas que se seguem o peso do mundo, mas igualmente a criatividade, as conquistas e as alegrias que definem a condição humana. Acreditamos que a missão da sociologia não é só a de compreender, mas também a de partilhar o que se compreendeu. Como nos confidenciou Angelina Diogo, participante nesta pesquisa, depois de ler a sua história de vida: «pronto, esta história agora já não é minha». Ou já não é só sua. É também a história dos nossos avós e das nossas avós, mães e pais, tios e tias, irmãs e irmãos, amigos e amigas, vizinhos e vizinhas, e colegas. De viva voz.

HISTÓRIAS DE VIDA

PRESENTE COR DE CEREJA

Mónica Duro* nasceu em 1950 na cidade de Lisboa, filha de uma encarregada de fábrica têxtil e de um pintor da construção civil, ambos com a instrução primária. Fez a 4.^a classe «bem estudada» com admissão ao liceu e saiu da escola aos 12 anos para ir trabalhar na costura e contribuir para o rendimento familiar. Eram uma família de duas irmãs e dois irmãos com idades próximas, com percursos escolares similares e em que todos começaram a trabalhar adolescentes. Enquadravam-se nos cenários familiares típicos daquela época em que as crianças deixavam de estudar para cedo participarem e partilharem das responsabilidades de sobrevivência da família. Para Mónica, o salto qualitativo que se podia esperar do avanço da geração dos seus pais não se concretizou no prosseguimento dos seus estudos.

Da infância, recorda vividamente as várias casas onde viveu em Lisboa e arredores, o bom que foi crescer com a mãe, a violência do pai, de estar rodeada de avós e tios, de apanhar mexilhão na praia de Santo Amaro de Oeiras, do pão de deus de que só comia um bocadinho. Pensa que se o seu bisavô pirotécnico não tivesse sido roubado pelo irmão, os seus avós maternos poderiam ter sido ricos e talvez também a sua família pudesse ter tido uma vida mais fácil. Talvez pudesse ter estudado mais, ter-se preparado para

* Entrevista realizada e codificada por João Baía e analisada por Sónia Bernardo Correia.

uma outra profissão, não ter tido de abraçar o destino social que, parece, lhe abriu a porta para uma miríade de dificuldades na vida.

O pai de Mónica não era um homem meigo, «apesar» de só lhe ter dado «uma chapada na vida». Contaram-lhe que, quando ela nasceu, ele não a quis conhecer porque era uma menina e que o médico o terá tentado convencer, dizendo que ela parecia uma cereja. Sente que o pai só se importou com ela quando ela própria foi mãe de um menino. Mónica sempre admirou muito a mãe, com quem se acha muito parecida de feitio. A sua mãe trabalhou desde criança, era muito criativa, generosa, adorava costura e cantar. Nunca teve uma mentalidade de idosa, detestava falar de doenças e aconselhava Mónica a nunca querer alguém que lhe batesse. O pai de Mónica tinha o sonho de construir casas com alpendres e lagos, mas, à custa de alguns negócios imponderados, a família foi vivendo em bairros esquecidos pelas infra-estruturas urbanas e onde o acesso à água e electricidade era precário. No casamento dos pais, sente que «lá para o fim», à medida que envelheciam, houve mudanças. Depois de uma vida de abuso, a mãe conseguia que o marido fizesse tudo o que ela queria, até a lide da casa.

Mónica não teve muito contacto com o irmão mais velho. Pintor de automóveis, casou-se cedo com uma prima e foi viver para o Norte do país. Do irmão mais novo, com quem tinha maior afinidade, recorda a inteligência, a ansiedade, a boa voz e o problema com a droga que o matou. Era bate-chapas. A irmã, mais nova, nasceu revoltada e assim continua. Foi costureira e depois trabalhou num hospital. Das memórias conjuntas, lembra-se de venderem na feira estatuetas feitas pelo pai e de um dia terem sido roubados.

Apesar dos episódios de violência a que assistia e das condições de pobreza em que a família vivia, Mónica sente que teve uma adolescência feliz. Gostava de trabalhar e chegar a casa para ajudar a mãe nas tarefas domésticas. Tal como hoje, ter a casa toda limpa e arrumada dava-lhe um enorme prazer.

Começou a trabalhar como costureira aos 12, profissão de que não gostava e, por intermédio do pai, mudou para aprendiz de cabeleireira aos 13 anos. Passou por inúmeros salões em Lisboa onde foi aprendendo o ofício e, entre cortes de cabelo, arranjos de pés e mãos, tornou-se uma profissional muito dedicada e experiente. O dinheiro que ganhava entregava-o à mãe para ajudar a gerir a difícil economia doméstica. Alguns dos salões onde trabalhou ainda adolescente deram-lhe a oportunidade de atender elementos da mais alta sociedade lisboeta. Olhando para trás, vê que era excessiva a responsabilidade que lhe foi dada enquanto ainda era apenas uma criança.

Aos 16 anos, Mónica adoeceu. Teve hemorragias durante 40 dias sem se descobrir a causa. É internada «nas últimas» no hospital, de onde, depois de duas transfusões e uma semana de convalescença, sai curada. Foi a propósito deste episódio que percebeu que os seus patrões não faziam descontos para a Segurança Social, o que não lhe garantia protecção na doença. Esta foi uma prática recorrente ao longo da sua carreira profissional, o que veio influenciar negativamente a sua autonomia financeira actual. Mónica sabe que foi tratada de forma injusta: é uma profissional muito competente e empenhada há 50 e muitos anos, e só tem descontos correspondentes a cerca de 20. Esta foi a realidade de muitas pessoas da geração de Mónica, que contabilizaram anos de trabalho informal, sem acesso a direitos sociais e que, no presente, não conseguem contrariar a precariedade dos seus percursos. Apesar de um intenso esforço individual, Mónica permaneceu em contextos onde as dificuldades profissionais e económicas se acumularam. Gostava de poder viver exclusivamente da sua merecida reforma, mas precisa de continuar a trabalhar.

Apesar de não querer ter namorado, com receio de passar pela experiência de violência vivida pela mãe, Mónica, por sugestão do irmão mais velho, foi madrinha de guerra e correspondeu-se

durante um ano com um soldado desconhecido com quem viria a casar aos 19 anos. Viveu uma relação de pouco afecto e companheirismo, e não conseguiu escapar à reprodução da violência doméstica de onde, tal como a mãe, acredita resultar a sua «doença de nervos». Divorciou-se passados 35 anos porque temia pela sua vida e pela do seu filho.

Foi mãe pela primeira vez aos 21 anos e depois outra vez aos 26: um filho e uma filha. Como o filho tinha crises de asma, por vezes diárias, que o obrigavam a ir para o hospital, Mónica percebeu que não era possível conciliar o trabalho e a assistência ao filho. Interrompeu o seu percurso profissional de cabeleireira durante dez anos. Recorda a sua inexperiência como mãe e os dias e anos a fio passados no hospital ao lado do filho, sozinha. Lembra também que foi o seu pai quem suportou as despesas de saúde do neto.

Lamenta que não tenham conseguido reunir condições económicas para que os filhos prosseguissem os estudos. O filho terminou o 9.º ano, a filha o 12.º e integraram, de seguida, o mercado de trabalho. O percurso profissional de talhante a vendedor de automóveis e o nível de vida que o filho conseguiu atingir enchem-na de orgulho. A filha, que considera muito inteligente e a quem os colegas de trabalho até chamavam «doutora» apesar de não o ser, trabalhou em vários escritórios de telecomunicações e seguros. Anda muito preocupada com a filha. Os últimos anos têm-lhe sido difíceis: negligência médica, baixa prolongada, dívidas e conflitos laborais.

Mónica perdeu os pais na década de 1990. Primeiro o pai, vítima de enfarte, e depois a mãe, de doença oncológica. O filho, então na casa dos 20, foi o cuidador principal da avó e Mónica admite que «o seu rapaz» fez melhor trabalho do que ela e os seus irmãos e irmã. Este período da história familiar e o apoio financeiro que ele lhe dá marcam profundamente a relação de Mónica com o filho, alicerçada em reconhecimento e gratidão. Defende

que ele tem sido muito trabalhador, dedicado e altruísta ao longo da vida, sendo justo merecedor das vantagens que os seus rendimentos lhe proporcionam. O percurso do seu filho retrata uma ambição que Mónica nunca conseguiu concretizar, a de ter uma vida melhor. Apesar de viver numa grande vivenda com piscina, churrasqueira e três empregadas, o filho de Mónica é como ela, humilde e muito desapegado das coisas materiais.

O filho tem duas filhas do seu segundo casamento, de 10 e 14 anos. Mónica tem acompanhado, orgulhosa, a carreira de ginasta da neta mais nova, o que a faz lembrar da sua própria flexibilidade. A neta mais velha dedica-se à patinagem. Mónica assiste frequentemente aos saraus e apresentações das netas, participando activamente na vida delas. A filha de Mónica é solteira e não tem filhos. Foi a filha quem a acolheu quando Mónica se divorciou e não podia pagar uma casa para morar. Teme que a filha, tal como ela, tenha ficado afectada pela violência a que assistiu em casa.

Para além dos filhos e netas, o familiar mais presente na vida de Mónica é a irmã. O relacionamento entre as duas é conturbado desde a infância, por terem personalidades completamente irreconciliáveis. A irmã de Mónica é, em tudo, o seu contrário. Acredita que ela tem mau feitio em parte por sempre se ter sentido preterida pela mãe, o que resultou em ressentimento e mágoa. Reconhece que o facto de ela ter perdido cedo o marido para um aneurisma e as dificuldades em educar o filho terão ajudado à atitude pessimista que a irmã tem perante a vida. Apesar de minada de conflito e ansiedade, a relação com a irmã é próxima.

Mónica procurou sempre estar atenta a oportunidades profissionais que lhe permitissem melhorar a sua condição, mudando, por isso, várias vezes de salão de cabeleireiro. O seu percurso profissional foi muito marcado por situações de abuso e exploração por parte dos empregadores. Justifica que permitiu que tal acontecesse porque se acomoda facilmente às situações, mesmo as mais

desconfortáveis. A escassez de alternativas e o receio de mudar e de piorar a sua condição já difícil serão legítimos contributos para se ver enredada num campo limitado de possibilidades.

A situação profissional de Mónica não melhorou. Aos 69 anos, reformada e a trabalhar a recibos verdes no mesmo cabeleireiro há 28 anos, sente-se explorada e assediada pela empregadora. É o trabalho, em particular a situação de conflito que vive no salão, a esfera da vida que mais a desgasta, o que a tem feito tomar calmantes ao longo dos anos para mais facilmente conseguir lidar com o dia-a-dia. Apesar da situação precária de trabalho em que se encontra, Mónica não antecipa deixar de trabalhar tão cedo. Não pode fazê-lo. À «reforma curta» que recebe precisa de juntar os rendimentos do trabalho, e ainda conta com a ajuda do filho para poder viver com algum desafogo financeiro, o que a desconforta.

Os acidentes que tem sofrido, a que corresponderam várias fracturas muito dolorosas e que lhe tiraram muitas vezes a autonomia, atribui-os, directa ou indirectamente, ao stresse em que vive no trabalho. Ao ir para o trabalho, a corrida para apanhar o autocarro e a chuva torrencial fizeram-na escorregar e partir um pé. Mais tarde, uma grande queda na escada «a correr, sempre a correr» para ir buscar uma «coisa de trabalho», resultou em dez parafusos num pé, uma mão partida e a cabeça cheia de galos. É com tristeza que diz: «Foi tudo por causa do trabalho que eu parti tudo. Estou no trabalho errado, mas pronto.»

Mónica preocupa-se bastante com o seu aspecto físico, controla o seu peso e ninguém acredita que tem quase 70 anos. Das muitas circunstâncias da vida que fogem ao seu controlo, este é um aspecto que não descarta. Faz-lhe muita confusão as pessoas que não se cuidam: a pessoa com quem casou que se deixou engordar, o filho que ganhou muito peso depois do segundo casamento, a sua irmã e a sua neta de 11 anos que também engordaram nos

últimos tempos. Para Mónica, é, acima de tudo, uma questão de saúde e apresentação.

A casa, que partilha com a sua cadela, é um porto seguro, um lugar que gosta de ver airoso, arrumado e limpo. As tarefas domésticas de limpeza e arrumação, as refeições com a filha, os passeios com a cadela, a higiene pessoal, o exercício físico e a meditação são rotinas quotidianas que lhe dão estabilidade e prazer. Gosta de ler, cantar ópera e fado, e ver quadros é das raras coisas que a faz sentir relaxada. Estas são expressões da sua sensibilidade e gosto por realidades a que a sua condição social e cultural não permitiu aceder com naturalidade e que são, também por isso, símbolos da sua vontade e determinação. No entanto, é raro conseguir tempo para o lazer. Por uma questão de comodidade pessoal e de não ter de estar dependente de transportes para ir trabalhar, tirou a carta com o seu dinheiro, já depois dos 50 anos, o que para ela é motivo de grande satisfação e sinónimo de liberdade e autonomia.

Adora ouvir e contar histórias. Gostava de saber mais sobre o bisavô materno que vendia fogo-de-artifício ao rei e sobre os tios beirões, gente muito alta e com algumas excentricidades. Tem pena de ter deixado para trás os álbuns de fotografias da sua família de origem quando saiu do seu casamento. Apesar de ser muito ligada à família, mesmo à mais alargada, sente que é sempre ela quem tem de iniciar os contactos e que, muitas vezes, não há reciprocidade. Guarda todas as histórias que ouviu graças a uma memória vívida, veloz e de grande detalhe, que por vezes a faz saltar no tempo e no espaço para lugares, pessoas e momentos que aconteceram há décadas. Tal como cantar, Mónica diz ter herdado a memória da mãe. A memória é, na verdade, um recurso muito importante de valorização pessoal e intelectual face ao percurso escolar que Mónica teve de precocemente interromper.

Também a generosidade e empatia são características que diz ter aprendido com a mãe. Gosta de partilhar o que tem com os

outros, conhecidos ou desconhecidos. Cozinha para a filha desde que ela nasceu. Preocupa-se com os problemas que afectam o ambiente, os animais, com a falta de educação e elegância das pessoas. É muito sensível a tudo o que vê ou experimenta; desaponta-se com frequência: «o meu problema é os outros, não sou eu. É os outros que falham». Não se identifica com as pessoas que a rodeiam. Pensa muito sobre as suas acções e a forma como podem afectar os outros. Acredita que todas as pessoas podem e devem evoluir. Mónica gosta de estar sozinha e, felizmente, não sente a solidão que muitas vezes vê e lamenta nos outros.

Fruto da violência do casamento dos pais, do seu próprio casamento e do stresse do trabalho, situações nas quais a sua margem de acção foi limitada e onde pôde exercer pouco controlo sobre as suas circunstâncias, vive sempre ansiosa. Dificilmente consegue concentrar-se ou relaxar. A sua ansiedade parece que a faz «viver à pressa». Admite que a sua filha se sente por vezes cansada do seu frenesim, «ou lá o que é isso». Acredita em Deus, até porque não lhe parece plausível que «estejamos cá por estar». Acha que a vida deve continuar depois dos que amamos partirem, mas sente que ficou mais triste desde a morte dos pais. As pessoas que mais marcaram a vida de Mónica foram a mãe e os filhos. Sempre gostou e admirou muito a mãe, que «sabia fazer tudo» e que ia para a praia de S. Pedro do Estoril sozinha, aos 79 anos, apanhar sol com o seu «chapeuzinho». Os filhos têm sido a companhia e o suporte financeiro de Mónica. Vive nos arredores de Lisboa, numa casa que é do filho, e o impasse difícil no emprego e na saúde da filha tem-na preocupado muito.

Se pudesse andar para trás, ambicionava ter trabalhado num escritório, a arrumar e agrafar papéis, ainda que haja pouco que pudesse ter feito para desafiar os limites das possibilidades do seu contexto familiar de origem. Gostava de poder viver tranquila e autónoma na sua própria casa, ter um fogão a lenha e não depender do trabalho ou do filho.

Todo o percurso de sacrifícios e dramas não lhe acrescentaram peso. Vive muito focada no presente, que considera ser o único tempo possível de ser vivido. Não entende as pessoas que vivem no passado: «Elas têm para aí 70 anos, mas já estão mortas. Já morreram, morrem antes do tempo. Não vivem. Estão a viver... Em vez de viverem o hoje, estão a viver já, ainda vivem no passado, vivem o futuro, menos o presente.»

BIBLIOGRAFIA

- Abbott, Andrew (2005), «The historicality of individuals», *Social Science History*, 29(1): 1-13.
- Almeida, João Ferreira de, Luís Capucha, António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado, e Anália Torres (2000), «A sociedade», em António Reis (org.), *Portugal. Anos 2000*, Lisboa, Círculo de Leitores: 36-72.
- Archer, Margaret S. (2003), *Structure, agency and the internal conversation*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Bertaux, Daniel (1978 [1977]), *Destinos Pessoais e Estrutura de Classe*, Lisboa, Moraes.
- Bourdieu, Pierre (2002 [1972]), *Esboço de Uma Teoria da Prática, Precedido de Três Estudos de Etnologia Cabila*, Oeiras, Celta Editora.
- Caetano, Ana (2016), *Pensar na Vida. Biografias e reflexividade individual*, Lisboa, Mundos Sociais.
- Elder, Glen H., e Janet Z. Giele (2009), «Life course studies: An evolving field», em Glen Elder Jr. e Janet Z. Giele (eds.), *The craft of the life course research*, Nova Iorque, The Guilford Press: 1-24.
- Giddens, Anthony (2004 [1984]), *The constitution of society. Outline of the theory of structuration*, Cambridge, Polity Press.
- Lahire, Bernard (2004 [2002]), *Retratos Sociológicos. Disposições e variações individuais*, Porto Alegre, Artmed.
- Plummer, Ken (2021), *Critical humanism. A manifesto for the twenty-first century*, Cambridge, Polity Press.
- Scott, Susie (2019), «The unlive life is worth examining: Nothings and nobodies behind the scenes», *Symbolic Interaction*, 43(1): 156-180.

de viva voz

foi composto em caracteres Hoefler Text,
impresso na Eigal, Indústria Gráfica, em papel
Holmen Book de 80 gramas, em Dezembro de 2022.